

Blue Notes | Fechamento da Semana | 1 de julho 2022

Ativos sofrem com recessão global e furo no teto. A combinação de bancos centrais de países desenvolvidos mantendo a convicção no aperto monetário e dados de atividade surpreendendo para o lado negativo, continuou a castigar os preços dos ativos de risco e das commodities. Revisões para baixo na projeção de crescimento americano dos principais analistas do mercado reacenderam com força as discussões de uma recessão técnica nos EUA, mas a resiliência nas taxas de inflação tem mantido o discurso do FED bastante firme na elevação da taxa de juros para um nível contracionista e em ritmo bastante rápido. Todo esse contexto continua prejudicando os ativos brasileiros, que sofrem um impacto adicional da deterioração da política fiscal. A aprovação a toque de caixa da PEC que concede R\$41.25 bilhões em estímulos fiscal fora do teto de gastos e às vésperas da eleição, além de atrapalhar o plano de controle da inflação do BC, enfraquece sobremaneira o arcabouço de regras fiscais construído ao longo dos anos para justamente evitar o uso eleitoreiro dos gastos públicos.

Mercado de trabalho acelera e começa a dar sinais de aperto.

De maneira surpreendente, o IBGE voltou a registrar taxa de desemprego inferior a 10% em maio, o que não se via desde o fim de 2015. Os ganhos ainda provêm predominantemente de vagas informais de trabalho, mas a melhora no mercado formal é também nítida e tem englobado setores disseminados da economia, inclusive aqueles que não vinham apresentando desempenho muito favorável, como, por exemplo, a indústria manufatureira. O lado menos auspicioso dessa análise é que os reajustes salariais já começam a mostrar aceleração, embora ainda perdendo para a inflação, e podem começar a pressionar a estrutura de custos das empresas, já afetadas pelo encarecimento das matérias-primas. Por enquanto, esse fator ainda não parece muito significativo, dado que os indicadores de confiança do empresariado seguem melhorando.

Nos EUA, atividade dá sinais de enfraquecimento.

Consumo em maio veio abaixo do esperado, contraindo -0.4% e com revisões negativas para os meses anteriores. A queda foi liderada por uma retração de -1.6% em bens parcialmente amenizada por serviços. A indicação é de um crescimento mais modesto do consumo ao redor de 1% para o Q2. Já em junho, ISM de manufaturas recuou de 56.1 para 53, ainda em terreno expansionista. A abertura mostrou um arrefecimento da demanda com queda mais pronunciada das novas ordens para 49.2. Pelo lado positivo, componente de produção teve pequeno aumento com sinais mais consistentes de progresso na cadeia de suprimentos e diminuição na pressão dos custos. Os dados deixam claro um enfraquecimento da atividade e em especial da demanda, o que é bem-vindo para o Fed que objetiva um reestabelecimento do equilíbrio entre demanda e oferta a fim de reduzir a inflação. No entanto, a inflação continua muito alta e Powell indicou essa semana que o Fed permanecerá determinado em continuar o aperto até sinais convincentes de queda.

Na China, retomada ganha força. Os PMIs surpreenderam positivamente sinalizando expansão tanto de manufaturas quanto de serviços. A retomada robusta em ambos os setores são sinais encorajadores para o crescimento doméstico e importante para o cenário global quanto a questão da cadeia de suprimentos e servindo de colchão para a desaceleração do Ocidente.

